Submissão: 11/09/2020
Revisão: 23/11/2020
Aprovação: 01/12/2020
Publicação: 28/12/2020

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 33 No. 3 Setembro – Dezembro 2020
Edição Especial: Gestão de Acervos Arqueológicos

ARTIGO

HISTÓRIA DE VIDA DE UMA URNA MARAJOARA: RECONECTANDO CONTEXTOS E SIGNIFICADOS

Marcelle Rolim de Souza Lima*, Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima*****

RESUMO

Este artigo se propõe a recuperar informações sobre a história de vida de uma importante urna funerária marajoara que integra o acervo arqueológico do Museu Paraense Emílio Goeldi, de modo a refletir sobre ações museais que tendem a desconectar objetos de seus contextos e individualizá-los. Ao analisarmos outros objetos encontrados no mesmo contexto arqueológico e evidenciar sua individualização e visibilização privilegiada em ações de extroversão, percebemos a construção de uma relação diferenciada entre objeto e público. A partir da análise de sua história de vida, avaliamos que uma nova proposta de alocação espacial da urna dentro da reserva técnica, junto às peças de seu contexto original de deposição, pode trazer novas possibilidades de releituras e ressignificações às coleções arqueológicas.

Palavras-chave: coleções arqueológicas; cerâmica marajoara; história de vida de objetos.

* Museu Paraense Emílio Goeldi, Mestranda do Programa de Pós Graduação em Diversidade Sociocultural. E-mail: marcellerolim@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5689-3325.
** Museu Paraense Emílio Goeldi, Programa de Capacitação Institucional. E-mail: cristianabarreto@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5842-3418.
*** Museu Paraense Emílio Goeldi, Pesquisadora e Curadora da Coleção Arqueológica. E-mail: helenalima@museu-goeldi.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5787-7231.

DOI: https://doi.org/10.24885/sab.v33i3.837

ARTICLE

THE LIFE HISTORY OF A MARAJOARA FUNERARY URN: RECONNECTING CONTEXTS AND MEANINGS

ABSTRACT
This article presents the first results of a research project aimed at retrieving information about the life history of an important Marajoara funerary urn housed at the Museu Paraense Emílio Goeldi, in order to reflect on museum actions that tend to disconnect objects from their contexts and individualize them. When analyzing other objects found in the same archaeological context and focusing on the process of individualization and increased visibility in outreach actions, we identify the building of a different relationship between the object and the public. From the analysis of its life history, we evaluated that a new proposal for the spatial allocation of the urn inside the visiting reserve, next to the pieces of its original deposition context, can bring new possibilities of reinterpretations and resignifications to the archaeological collections.

Keywords: archaeological collections; Marajoara ceramic; life history of objects.

ARTÍCULO

HISTORIA DE VIDA DE UNA URNA MARAJOARA: RECONECTANDO CONTEXTOS Y SIGNIFICADOS

RESUMEN
Este artículo tiene como objetivo recuperar información sobre la historia de vida de una importante urna funeraria marajoara que forma parte de la colección arqueológica del Museu Paraense Emílio Goeldi, con el fin de reflexionar sobre las acciones del museo que tienden a desconectar los objetos de sus contextos e individualizarlos. Al analizar otros objetos encontrados en un mismo contexto arqueológico y mostrar su individualización y visibilidad privilegiada en acciones de extroversión, percibimos la construcción de una relación diferenciada entre objeto y público. A partir del análisis de su historia de vida, evaluamos que una nueva propuesta para la asignación espacial de la urna dentro de la reserva técnica, junto con las piezas de su contexto de depósito original, puede traer nuevas posibilidades de relecturas y reinterpretaciones a las colecciones arqueológicas.

Palabras clave: colecciones arqueológicas; cerámica marajoara; historia de vida de los objetos.

INTRODUÇÃO

The lives of artefacts in the present are not half as exciting as those they had in the past.
And yet, those past lives are the direct outcome of their present lives.
Holtorf (2002, p. 63)

O presente artigo é parte de um estudo biográfico de uma peça muito conhecida do Museu Paraense Emílio Goeldi, a grande urna marajoara escavada por Betty Meggers, Clifford Evans e Peter Hilbert em 1949, e que atualmente se encontra exposta na área visitável da Reserva Técnica Mário Ferreira Simões. A urna é uma peça apreciada pelo público da região e se tornou uma importante referência da cultura marajoara. Além de contar a história de vida dessa urna marajoara, o intuito é fazer uma reflexão sobre a maneira de organizar e extroverter os acervos arqueológicos musealizados no Museu Goeldi, levando em consideração a diversidade de classes de objetos salvaguardados, sua alocação espacial e individualização, com vistas a resgatar a relação entre esses objetos e seus contextos.

O estudo de caso se deu na Reserva Técnica Mário Ferreira Simões do Museu Paraense Emílio Goeldi (RTMFS/MPEG) e visou inicialmente, a partir da pesquisa sobre a história de vida da urna marajoara reconectá-la ao conjunto maior de objetos funerários e informações sobre o contexto em que foi encontrada.

Esta perspectiva, de pensar na reconexão e recontextualização de objetos arqueológicos que ora estão musealizados em coleções na referida reserva técnica e que provavelmente foram ali alocados de acordo com diferentes critérios de colecionamento, traz uma nova possibilidade de releitura desses objetos. Partimos da premissa de que, além da importância de salvaguardar o patrimônio cultural arqueológico, é necessário pensar nas possíveis leituras e ressignificações desse patrimônio, através da proximidade com os grupos sociais a ele relacionados. E dentro de uma nova política de acervo que privilegia a relação entre acervos e grupos sociais, uma das ações que se faz necessária é a de reconectar os objetos que estão silenciados e individualizados na reserva técnica aos seus contextos, aos seus objetos relacionados e a sua documentação, aproximando pessoas, coisas e conhecimentos.

A necessidade de se pensar na recontextualização da urna marajoara surgiu no âmbito do projeto "Replicando o Passado: a socialização da coleção arqueológica do Museu Goeldi através do artesanato cerâmico de Icoaraci" e da escolha entre os participantes pela sua replicação. Esse projeto, que se desenvolve desde 2016, e faz uma ponte entre os conhecimentos produzidos pelos ceramistas e os conhecimentos arqueológicos sobre as peças originais, vem experimentando, através da réplica artesanal, meios de extroverter os acervos de cerâmicas arqueológicas amazônicas, além de estreitar as relações entre o público e as coleções. O projeto estabelece uma relação com alguns ceramistas da comunidade oleira do Paracuri, distrito de Icoaraci (Belém/PA), permitindo o acesso dos membros dessa comunidade aos acervos do Museu, realizando estudos sobre as peças e seus contextos, sobre as réplicas artesanais e sobre os critérios técnicos de reprodução das peças cerâmicas arqueológicas (para uma descrição mais detalhada desse projeto ver LIMA *et al*., 2018).

A partir de debates e questionamentos entre a equipe de curadoria e ceramistas do projeto, as discussões envolveram ainda o processo de produção da urna em questão, a matéria prima utilizada (argilas e agregados), a sequência de gestos técnicos na cadeia operatória de manufatura, a queima e a iconografia, além de aspectos relacionados ao seu uso e significados culturais.

No estudo de caso aqui apresentado, nos propomos a fazer esse movimento de busca e conexão dos conhecimentos sobre a referida peça e seu contexto, com o intuito de, a

partir da reconstrução de sua trajetória, trazer à tona novos elementos do seu potencial de conexão com as comunidades envolvidas com o universo marajoara e a construção de novas narrativas e significados.

Para o conceito de "história de vida", nosso amparo teórico vem de reformulações ou atualizações contemporâneas de discussões iniciadas pela arqueologia comportamental de Schiffer (1972). Tais discussões são engendradas pelo referido autor a partir da análise da história de vida de objetos arqueológicos, sua produção, uso e "descarte" (enterramento, no caso da urna marajoara, objeto de discussão deste artigo), especialmente quando ele passa a compor o chamado registro arqueológico, buscando recuperar outros aspectos da história de vida desses objetos, denominada por Holtorf (2002) como "história de vida longa". Esse termo é usado por Holtorf quando busca analisar também a trajetória dos objetos arqueológicos após o momento de sua recuperação (escavação) e sua musealização.

Nessa história de vida longa, pós-escavação, está claro que a peça em análise, para além de uma trajetória instigante, foi sendo individualizada e desconectada de suas contrapartes antigas, tornando-se um verdadeiro "artefato com personalidade", processo ao qual voltaremos mais adiante. Ainda como referência teórica, nessa busca de reconexão e de compreensão de sua trajetória longa, trazemos também reflexões de correntes mais contemporâneas da antropologia da arte e da arqueologia que tratam da capacidade agentiva de determinados objetos (GELL, 1992; BARRETO; OLIVEIRA, 2016), num movimento que percorre também suas ressignificações (BEZERRA, 2020; SCHAAN, 2006).

Figura 1 – A urna marajoara na Reserva Técnica Mário Ferreira Simões do Museu Paraense Emílio Goeldi. Foto: Sumy Menezes, Agência Museu Goeldi (2018).

A URNA T-1561 E AS COLEÇÕES MARAJOARAS DO MUSEU GOELDI

A urna em questão está no grupo dos maiores exemplares conhecidos para esse tipo de artefato, com 86 cm de altura e 73 cm de diâmetro máximo. Trata-se de uma urna com contorno globular, com decorações em relevo e pintura. Dentro da tipologia da cerâmica da fase Marajoara proposta por Meggers e Evans (1957), essa urna funerária – com pintura policrômica em preto, marrom e vermelho, sobre uma superfície com engobo branco ou creme – está inserida na categoria "Joanes Pintado" e constitui um exemplar

bastante típico do conjunto de urnas conhecidas para essa categoria (BARRETO, 2009). A urna é composta formando a figura híbrida de uma ave (coruja, ou harpia) com elementos humanos, adornos auriculares (brincos em borla e alargadores de orelha) e um pingente cilíndrico no peitoral (possivelmente um inalador em osso). O pescoço da vasilha corresponde ao rosto, com grandes olhos destacados pela modelagem e pintura, e o bojo corresponde ao corpo, em que estão representados o ventre e os membros (Figura 1). A composição desse personagem segue aquela descrita por Barreto como a técnica da "representação desdobrada" – com a figura frontal espelhada no lado oposto, fazendo com que não haja propriamente uma parte traseira desse corpo/urna, e em que se possa engajar o olhar com seu rosto e olhos chamativos a partir de ambos os lados da peça. Nas junções dessas duas "frentes", aparecem representações de pequenos seres modelados (no pescoço da urna) e de outros seres maiores pintados no bojo, em um jogo visual entre relevo, fundo e figura, típico da cerâmica cerimonial marajoara (Figura 2) (BARRETO, 2009).

Figura 2 – Desenho dos quatro lados da urna para ilustração do artigo de Schaan (2001, p. 118-119) no livro *Unknown Amazon*. Autoria: Garth Denning.

As cerâmicas marajoaras têm uma enorme representatividade nas coleções do Museu Goeldi, devido tanto à antiguidade e quantidade de pesquisas arqueológicas que se deram na ilha, iniciadas antes mesmo da formação do Museu, com o acúmulo de sucessivas coleções, quanto como à proximidade de Belém dessa área arqueológica, sendo o Museu o lugar natural para doações de colecionadores. A própria formação do Museu Paraense está estreitamente ligada às pesquisas de Ferreira Penna (fundador do Museu) e de Hartt em Marajó, a partir da primeira expedição Morgan à ilha em 1870 (SANJAD, 2011). As cerâmicas marajoaras, juntamente com peças provenientes do atual estado do Amapá, estão entre as mais antigas coleções, salvaguardadas na instituição ao longo de seus mais de 150 anos de história.

Dentre as coleções mais expressivas formadas por projetos de pesquisa estão, além das coleções pioneiras de Meggers e Evans (1957), aquelas do projeto Marajó, coordenado por Mário Simões e Napoleão Figueiredo ao longo dos anos 1960. Este projeto objetivava testar a hipótese de Meggers e Evans (1957) sobre a sequência de ocupação do Marajó para a parte central da ilha. Simões e Figueiredo identificaram e escavaram novos sítios e dataram por radiocarbono contextos da fase marajoara, situando essa ocupação entre AD 400 e 1200 (SIMÕES, 1981, p. 155-156).

Os trabalhos de Simões e Figueiredo dão um novo impulso às pesquisas de campo na ilha de Marajó. E isso pode ser observado sobretudo a partir do cadastramento de novos sítios e quando outros, já bastante explorados, passam a ser pesquisados sob "um novo olhar" a partir de estudos sobre iconografia, de gênero, organização social e práticas funerárias da cultura marajoara (PEREIRA, 2009, p. 173). Para citar somente algumas

dessas pesquisas, destacam-se os trabalhos de Anna Roosevelt (1991), iniciado já na década de 1980, e de Denise Schaan, entre os anos 2004 e 2007.

Além de materiais resultantes de pesquisas arqueológicas, há também volumosas coleções doadas por colecionadores diversos, em geral fazendeiros do Marajó em cujas propriedades estão alguns dos tesos marajoaras. Dentre estas, está a coleção doada por José Carlos Cardoso em 1963, e parte da enorme coleção do Governo do Estado do Pará, salvaguardada em regime de comodato no Museu Goeldi. Até hoje em dia recorrentemente o Museu recebe peças e coleções marajoaras por meio de doações.

Ao longo do século XX, devido ao grande apelo estético das cerâmicas marajoaras, elas serviram como "moeda de troca" para a permuta entre museus, a exemplo da atuação de Ladislau Neto no Museu Nacional, fazendo com que vários museus internacionais guardem hoje em seus acervos exemplares dessas cerâmicas. Barreto identificou cerâmicas marajoaras em pelo menos 18 museus internacionais (BARRETO, 2009, p. 124).

As cerâmicas marajoaras, com sua complexidade tecnológica e decorativa, estiveram no centro da própria história da Arqueologia amazônica, tendo sido usada em diferentes modelos de reconstrução de formas de organização social das sociedades amazônicas antigas (BARRETO, 2010). Essas sociedades foram descritas como sociedades complexas desgarradas dos Andes e decaídas na Amazônia por Meggers e Evans (1957); como complexos cacicados agrícolas por Roosevelt (1991); como sociedades complexas que emergem a partir do intenso manejo de recursos aquáticos por Schaan (2004); e ainda como sociedades que compartilham princípios cosmológicos semelhantes aos das sociedades indígenas amazônicas atuais (BARRETO, 2009; NOBRE, 2017). Nessas diferentes abordagens arqueológicas sobre os antigos povos marajoaras, as cerâmicas e seus contextos sempre figuraram como a matéria prima principal dessas discussões.

Mesmo depois de musealizadas, as coleções marajoaras do Museu Goeldi foram e são ainda objeto de vários "estudos de coleções" em diferentes campos de interface com a arqueologia, potencializando a geração de conhecimento nas áreas da museologia, conservação e restauro, iconografia amazônica e etnomusicologia (AMORIM, 2010; BARRETO; OLIVEIRA, 2016; NOBRE, 2017; BARROS, 2018; SIMAS *et al.*, 2019; MAIA *et al.*, *no prelo*).

Além de representarem uma parte significativa do acervo do Museu Goeldi (SILVEIRA *et al.*, 2017), as coleções marajoaras estão também entre aquelas que causam grande impacto ao público, como observado nas visitas conduzidas pela equipe de curadoria na reserva técnica visitável. Também, não é de surpreender o fato de que elas compõem a maior parte do repertório de peças replicadas pelo projeto Replicando o Passado: das 21 peças escolhidas pelos ceramistas para replicação e que compõem as coleções didáticas e de referência do projeto, 11 são marajoaras, incluindo a grande urna.

Além disso, há também uma longa história de divulgação e reapropriações da estética marajoara para a criação de uma identidade regional e também nacional, tanto no discurso das elites locais, ao longo dos séculos XIX e XX, como na sua patrimonialização enquanto bem cultural nacional. Linhares documenta bem esse processo e conclui que há uma longa e intrincada construção de um discurso político de espetacularização da arte marajoara na construção de grupos de poder ao longo da história da Amazônia e de sua representação em nível nacional (LINHARES, 2017; HENRIQUE; LINHARES, 2019). Outras apropriações e ressignificações dessas cerâmicas também se fazem presentes na cultura popular paraense ou no discurso atual de resistência indígena (BARRETO, 2020; BEZERRA, 2020).

A partir da contextualização das coleções de cerâmicas marajoaras apresentadas, buscamos entender como se deu a individualização da urna marajoara, tanto no âmbito

da sua musealização junto ao Museu Goeldi quanto na área mais pública, nas suas inúmeras representações e reproduções ao longo da sua história de vida.

A ABORDAGEM BIOGRÁFICA E O PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta pesquisa, a abordagem biográfica da urna marajoara se propõe a responder alguns questionamentos sobre a sua origem, seus usos e significados no passado e no presente, bem como a inter-relação estabelecida entre o objeto, as pessoas e coisas que cruzaram o seu caminho. Buscamos, assim, enfatizar aspectos da história de vida da urna que nos levem a compreender a agentividade que essa peça possui hoje.

Para Kopytoff (2008, p. 92), "ao fazer a biografia de uma coisa, far-se-iam perguntas similares às que se fazem às pessoas", e dessa forma os objetos podem contar as suas próprias histórias, narrando acontecimentos que transmitem significados construídos culturalmente nas relações das coisas com as pessoas e das coisas com as coisas, seja no contexto do museu, em exposições pelo mundo afora, seja até mesmo na sua representatividade cultural, enquanto um objeto que foi produzido por um povo que não está mais entre nós, mas que segue sendo reproduzido de diferentes maneiras em diferentes releituras.

Com esta metodologia, buscamos rastrear a carreira dessa urna, não somente à partir de sua aquisição para se tornar um objeto de museu, mas principalmente, e através da replicação artesanal da urna, pensar na sua produção (técnica, matéria prima, gestual, etc.) e no uso pelos povos do passado, onde a sua história de vida de fato começou.

A construção de uma linha do tempo (uma sequência cronológica dos eventos conhecidos envolvendo a peça) nos ajudou a visualizar a "vida-morte-vida" dessa urna e a refletir um pouco sobre as camadas de significados e relações com as pessoas e com outros objetos que ela se envolveu em todo esse percurso, e portanto, a história de vida da urna marajoara aqui contada é um estudo das suas trajetórias, antes, durante e depois de sua musealização.

E a partir do olhar sobre sua trajetória, entendemos a importância dos vários eventos que ocorreram na sua história de vida e que provavelmente contribuíram para o destaque que ela possui atualmente dentro e fora do Museu Goeldi, a exemplo das restaurações que ela passou, das exposições em que ela figurou e das pesquisas e publicações sobre ela.

Alberti (2005, p. 561) alerta que

> Em sua forma mais básica, a biografia do objeto fornece um gancho narrativo atraente. Bem usado, no entanto, há uma série de outras percepções que podem ser obtidas a partir dessa abordagem que são particularmente relevantes para historiadores da ciência. As coisas coletadas no campo podem ser firmemente conectadas a instituições e práticas em centros metropolitanos por meio da identidade, o que significa que eles se acumularam durante sua trajetória.

A urna marajoara hoje é um objeto de museu, está exposta na reserva visitável do Museu Goeldi, possui um histórico de interações com o público e de referência da cultura marajoara, inspirando artesãos, ceramistas, etc. E seguindo a ideia de Alberti (2005, p. 565), entendemos que "a biografia de um objeto não estagna ao chegar em um museu". Esse pode ser um evento muito significativo na vida do objeto, entretanto, uma questão que é importante ressaltar, é sobre os critérios de formação dos acervos nos museus. No estudo de caso em questão, a urna tem um certo destaque dentro da coleção marajoara, pois é uma peça grande, inteira, com a pintura bastante preservada e está posicionada espacialmente dentro da reserva de forma bastante evidente.

A biografia da urna marajoara, de certa forma, ajuda a mantê-la viva, uma vez que ela nem sempre foi um objeto de museu e tem, em sua trajetória, um contexto de longa duração, em que pode ter sido produzida com o objetivo de servir de urna funerária, ou outra finalidade. Além disso, o importante a se destacar é o fato de que ela passou por uma fase de vida, depois abrigou os restos mortais de um indivíduo, morreu ou adormeceu com o seu enterramento e, após sua coleta, passou a viver uma nova fase na sua história de vida. E nesse sentido,

> Ao percebermos a biografia dos objetos, percebemos a sua alma. A alma tem um sentido de atribuir valor e animar um objeto. Para compreendermos o valor é preciso colocar os objetos em contexto, entender os seus usos pretéritos e sua trajetória; e animá-lo colocando-o em dinâmica social, colocando-os em contato com as pessoas que, em última instância, integram sua rede semântica (LAMBRECHT *et al.*, 2018, p. 11).

Reconectar museologicamente um conjunto de objetos é uma maneira de restabelecer um diálogo entre eles e também entre eles e as pessoas, sejam elas os curadores, pesquisadores, ceramistas, sejam elas o público em geral. Afinal, não deixa de ser um acontecimento, uma sequência de interações estabelecidas por esses objetos entre si e entre as pessoas que acompanharam essa movimentação.

Seguindo a abordagem biográfica, a pesquisa foi iniciada com o levantamento de fontes primárias e secundárias sobre o conjunto arqueológico no qual se inclui a urna em questão. A partir desse levantamento foram identificados e pesquisados relatórios de campo e de laboratório (da própria Meggers e seus colaboradores), bem como as publicações resultantes dessa pesquisa arqueológica de 1949. Tendo essa documentação sido cuidadosamente analisada, passamos para o trabalho de campo, que se deu dentro da reserva técnica e objetivou localizar e documentar os demais objetos pertencentes ao conjunto funerário. Esses objetos foram removidos de sua localização original, descritos e fotografados, e serão realocados (dentro da nova organização espacial da coleção arqueológica na reserva promovida pela curadoria da RTMFS/MPEG) de forma a salientar sua associação e contexto original de deposição.

Para reconstruir a trajetória de vida pós-musealização da urna, fizemos um extenso levantamento em fontes diversificadas – como livros e manuais de arqueologia, catálogos de exposições, catálogos e bancos de dados do setor de documentação da curadoria, arquivos de texto e imagem de internet –, sempre buscando identificar a presença dessa urna específica ou de seu contexto. Para reconhecer os usos e outras ressignificações da peça no contexto paraense e marajoara, fizemos expedições a Belém (distrito de Icoaraci) e à Ilha do Marajó, nas quais fotografamos, entrevistamos e dialogamos com artistas e moradores locais.

Por fim, tendo em vista o já mencionado processo de replicação da peça pelos ceramistas do projeto Replicando o Passado, do qual a primeira autora (Marcelle Rolim) é participante enquanto pesquisadora e ceramista, está sendo desenvolvida uma observação participante com o intuito de construir uma etnografia da confecção da réplica da urna.

HISTÓRIA DE VIDA DA URNA: "UM OBJETO COM PERSONALIDADE"

A longa história de vida da urna marajoara tem início no período definido para a fase Marajoara (ca. AD 400-1400) e, apesar de até o momento não haver datação do sítio onde ela foi coletada, pelas suas características iconográficas e complexidade de estilo, provavelmente ela foi produzida entre 800 e 1200 AD, definido como um período de maior produção de cerâmicas cerimoniais. É difícil saber mais sobre os artesãos que

fabricavam essas cerâmicas, mas já se aventou a hipótese de que teriam sido produzidas por pessoas especializadas, provavelmente mulheres (ROOSEVELT, 1991). Os dados arqueológicos indicam que ela está entre os primeiros objetos enterrados no cemitério onde foi encontrada, integrando um conjunto de objetos enterrados em nível mais profundo e sobre o qual parece ter havido um segundo episódio de deposição de urnas e oferendas funerárias. Isso pode ser visto no perfil estratigráfico explicitado na Figura 7. Também, pouco sabemos como se davam os rituais funerários, mas, devido aos vários eventos deposicionais, é certo que os cemitérios marajoaras eram revisitados (SCHAAN, 2004). É provável que a urna tenha ficado enterrada por cerca de 1000 anos, quando sofreu impactos de vários processos tafonômicos, principalmente do crescimento de raízes que acabaram deixando marcas sobre sua superfície.

Em 1949, a urna marajoara foi coletada pela arqueóloga norte-americana Betty Meggers, na Ilha do Marajó, por ocasião de suas pesquisas desenvolvidas na região juntamente com Clifford Evans e Paul Hilbert. A referida urna foi escavada no sítio arqueológico Monte Carmelo – num teso denominado Guajará, localizado nas cabeceiras do Rio Anajás – e faz parte de um contexto funerário que continha, além de ossos humanos e cinzas, várias urnas, vasilhas e tangas em cerâmica, todos associados. Suas bordas estavam fragmentadas e sobre ela foi encontrada uma vasilha (também parcialmente fragmentada) servindo de tampa. A urna continha uma tanga e ossos humanos em seu interior em meio a um grande conjunto de enterramentos (MEGGERS; EVANS, 1957).

Apesar de ter sido recuperada com a borda toda fragmentada, a urna se encontrava em um estado de conservação excepcional, com a pintura policrômica bem preservada, com seus intrincados desenhos causando um grande impacto visual. A partir daí, começou uma longa vida de encantamento desse artefato na nossa sociedade, que vai desde o processo da sua documentação pós-escavação, passando por estudos diversos, escavação do seu interior, restauração, curadoria e incorporação no acervo do Museu Goeldi e as exposições que ela percorreu mundo a fora, até a sua marcante presença nos dias atuais como um objeto que nos conecta com memórias e histórias que não estão escritas.

Figura 3 – a) Betty Meggers e Clifford Evans lavando a urna no Rio Anajás após escavação; b) Betty Meggers e a urna com a tampa em frente ao Museu Paraense Emílio Goeldi. Fotos publicadas em ALMEIDA (1996, contracapa).

De acordo com Meggers e Evans (1957), antes de encerrarem as pesquisas no Marajó, o proprietário da fazenda onde se encontrava o sítio arqueológico pediu aos pesquisadores que, dentre os tantos achados, a urna não fosse levada para fora do Brasil e que fosse doada ao Museu Goeldi, onde o público paraense pudesse admirá-la. De fato, além da urna, Meggers e Evans deixaram cerca de 25 objetos inteiros (ou semi-inteiros) e muitos fragmentos no Museu, provenientes dos sítios dos Camutins e de Monte Carmelo, dentre os quais, a grande urna e sua tampa. Alguns fragmentos foram deixados no Museu Nacional e outros foram levados para o Smithsonian Institution para análises, incluindo os ossos humanos que estavam no interior da urna em questão. Hoje, esses ossos não constam mais no acervo do Smithsonian (de acordo com o inventário em linha da instituição), e acreditamos que, após a sua análise, possam ter sido descartados.

Uma vez a urna restaurada e registrada sob o número de tombo T-1561, ela esteve em exposição no Museu Goeldi em várias de suas mostras de longa duração, inicialmente com a tampa e depois sem ela. Gerações de visitantes do Museu a têm em suas memórias e afetos como um ícone da cerâmica marajoara e da cultura paraense. Para além do Museu Goeldi, a urna participou de vários eventos e exposições no Brasil e no exterior, alguns com públicos enormes – como a Mostra do Redescobrimento no ano 2000, no Parque do Ibirapuera em São Paulo, que contou com uma visitação de mais de dois milhões de pessoas.

A urna marajoara tem uma longa trajetória de referências em importantes publicações. A primeira vez que ela apareceu em uma publicação foi em "Uma interpretação das culturas da Ilha de Marajó", no ano de 1954, em que os pesquisadores norte-americanos Betty Meggers e Clifford Evans referem-se à urna para falar que "a cerâmica marajoara, tanto na forma quanto na decoração, mostra por si mesma ser o produto de um grupo especial de artesãos" (MEGGERS; EVANS, 1954).

Outra importante publicação em que a urna aparece é a *Archaeological Investigations at the Mouth of the Amazon*, também de Meggers e Evans (1957). Nessa publicação, a urna se destaca em relação aos outros objetos descritos pela extensão e riqueza de detalhes fornecidos, croquis e informações minuciosas sobre sua escavação e contexto arqueológico. Foi nessa publicação que coletamos a maioria das informações sobre os outros objetos a ela associados no mesmo contexto e em que os autores descrevem com detalhes a localização de cada peça, suas medidas, características físicas e estado de conservação.

Ambas as publicações de Meggers e Evans falam do caráter "especial" da peça, seja porque teria sido feita por artesãos especializados, seja pela complexidade das técnicas decorativas empregadas. Se é verdade que a boa preservação da pintura, que deixa entrever de forma integral o projeto desse objeto ritual, a destaca das demais urnas marajoaras encontradas em contextos semelhantes, há um intrigante silêncio nessas publicações sobre as possíveis intenções e significados que levaram à produção de uma peça tão complexa e visualmente impactante.

No ano de 1980, a imagem da urna é utilizada num belo cartaz de lançamento do livro "Arte da Cerâmica do Brasil" e na exposição de cerâmica renascentista italiana, que ocorreu no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP, patrocinado pelo Banco Sudameris Brasil S.A.

Em 1981, a Fundação Nacional de Arte (FUNARTE) publicou quatro volumes da Coleção de Museus Brasileiros. O volume 4 da edição versava sobre o Museu Paraense Emílio Goeldi, com uma vasta pesquisa sobre o processo de fundação do museu e suas coleções culturais, incluindo uma foto grande da urna ilustrando um texto de Mário Ferreira Simões sobre as fases arqueológicas brasileiras. Aqui, portanto, ela é mostrada como um ícone da fase Marajoara.

Figura 4 – a) A urna marajoara na exposição *Brésil Indien*, *Grand Palais*, Paris (2005); b) Telefone público em forma da urna marajoara, Belém (2009); c) Réplica da urna marajoara na Instituição Caruanas do Marajó - Cultura e Ecologia, Soure, Marajó (2020); d) Urna bordada pelas mulheres da Associação Educativa Rural e Artesanal da Vila de Joanes – AERAJ, Salvaterra, Marajó (2020). Fotos a) e b) de Cristiana Barreto, c) e d) de Marcelle Rolim.

A urna marajoara figurou mais uma vez, em 1984, na publicação de um catálogo intitulado "Herança: a expressão visual do brasileiro antes da influência do europeu". Tratava-se de um dos primeiros livros ilustrados sobre arqueologia brasileira e foi produzido por uma empresa de produtos químicos, a *Empresas Dow*, em parceria com algumas instituições de pesquisa e alguns museus, contendo textos científicos e fotografias, dentre elas, duas páginas dedicadas à tão suntuosa urna funerária. A publicação fala brevemente sobre a fabricação de enormes "igaçabas" pelos povos ceramistas da Ilha do Marajó, utilizados para o preparo de bebidas fermentadas e também para o sepultamento dos indígenas, destacando o caráter extremamente elaborado das cerâmicas, representando animais da fauna amazônica e formas humanas. Aqui, portanto, ela figura como um testemunho da elaborada tecnologia cerâmica da cultura marajoara.

Em 1986, o Museu Paraense Emílio Goeldi em parceria com o Banco Safra lançou um catálogo em comemoração aos 120 anos do MPEG, com um histórico da instituição e muitas imagens do parque zoobotânico, do campus de pesquisa, das coleções etnográficas, arqueológicas, botânicas, zoológicas e ciências da terra; entretanto, nessa publicação a urna não aparece em destaque, mas consta no catálogo geral.

Anna Roosevelt, em 1991, usou uma ilustração da urna marajoara na capa de seu livro intitulado *Moundbuilders of the Amazon: Geophysical archeology on Marajó, Island, Brasil*. Esse livro é resultado de uma pesquisa voltada para o uso de tecnologias de sensoriamento remoto e geofísica para a potencialização do trabalho de campo na arqueologia, em que a autora documenta a existência de construções monumentais na Ilha do Marajó. Essa publicação teve uma importância fundamental na mudança de paradigmas sobre a possibilidade de sociedades complexas, como a marajoara, terem se originado na Amazônia.

André Prous (2006) também dá destaque à urna marajoara, utilizando sua ilustração na capa do livro "O Brasil antes dos Brasileiros: a pré história do nosso país" e, ao falar de Tradição Polícroma, refere-se a ela como urna marajoara de tipo "Joanes pintado". Essa publicação atinge um amplo público, sendo usada como uma referência básica para estudantes de arqueologia e áreas afins. A urna aparece também em outra obra de referência, que é o livro "Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese", em artigo de Cristiana Barreto, ilustrando as diferentes maneiras de se figurar o corpo nas cerâmicas marajoaras (BARRETO, 2016, p.119).

Finalmente a urna tem figurado também em estudos sobre a agência de objetos, mostrando maneiras como objetos marajoaras são reapropriados em contextos atuais tão diversos quanto o carnaval e os bordados, a exemplo dos artigos de Barreto (2020) e Bezerra (2020).

Algumas publicações importantes também são resultantes de grandes exposições e eventos que a urna participou ao longo de todos esses anos, desde a sua chegada no Museu Goeldi (conforme apontado na Figura 5).

As exposições e eventos dos quais a urna participou tiveram e têm um importante papel para a visibilidade da sua imagem e divulgação de conhecimentos sobre ela.

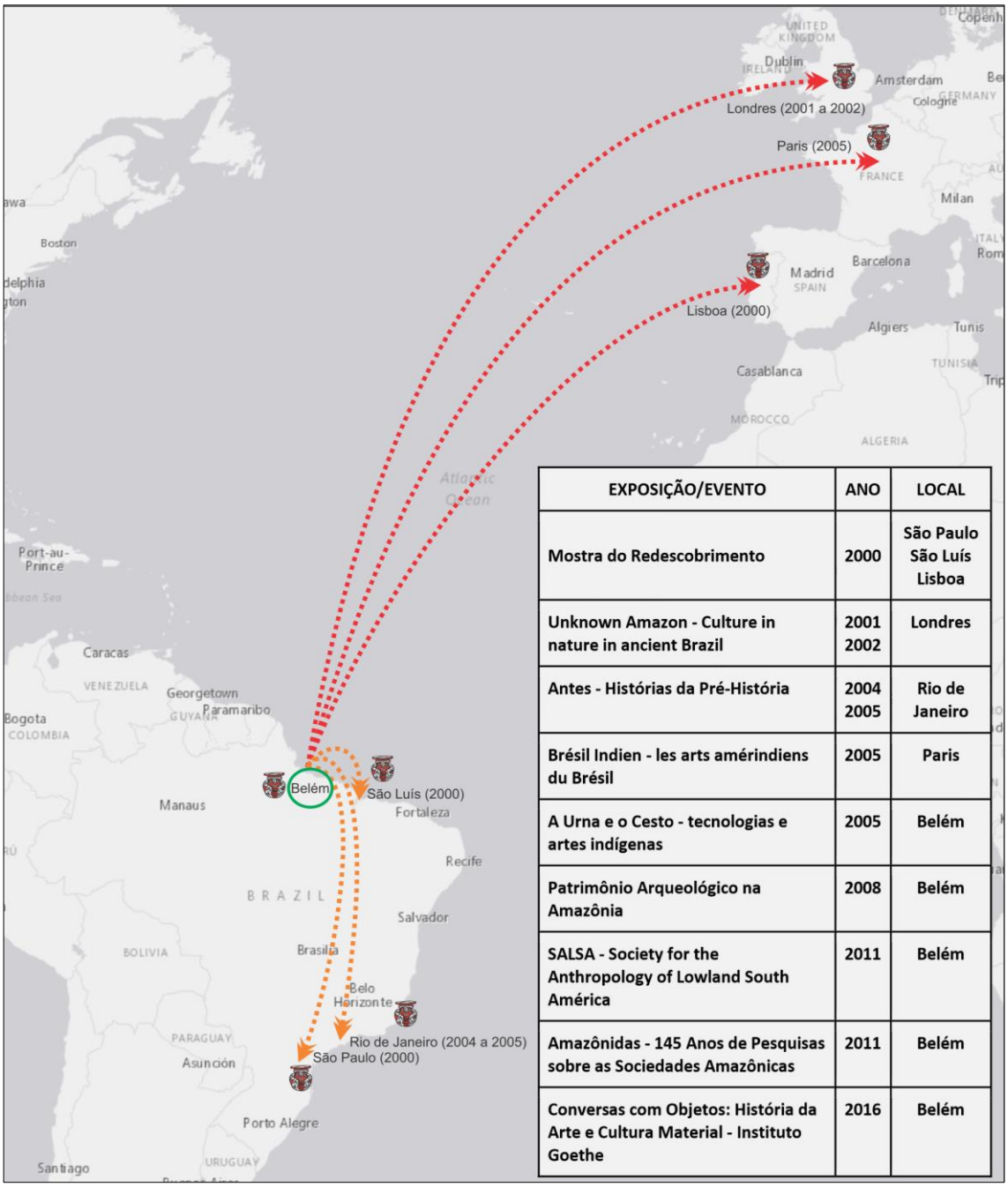
Entre 2001 e 2002, a exposição *Unknown Amazon – Culture in nature in ancient Brazil* no British Museum de Londres produziu um livro com o mesmo nome, em que a urna aparece pela primeira vez desenhada nos quatro perfis, compondo o artigo *Into the Labyrinths of Marajoara Pottery - Status and Cultural Identity in Prehistoric Amazonia* (SCHAAN, 2001). Essa exposição é um marco importante na vida da urna marajoara, pois ela passou por uma restauração antes da exposição, que foi orientada pelos parâmetros do Workshop "Conservação e Restauro de Cerâmicas Arqueológicas", promovidos pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, pelo British Museum e pela Associação Brasil +500 Anos, e do qual a então curadora Vera Guapindaia e o restaurador Raimundo Santos da RTMFS/MPEG participaram (BRAGA, 2000).

O evento "Conversas com Objetos: História da Arte e Cultura Material", organizado pelo Instituto Goethe, reuniu especialistas de formações diversas, convidados para dialogar acerca de um objeto de museu, com o intuito de refletir sobre perspectivas não-europeias da história da arte. A conferência aconteceu em São Paulo, Rio de Janeiro e em Belém, onde a urna marajoara foi o objeto escolhido para observação e discussão sobre a sua existência, materialidade, significados e contextos.

Vários olhares sobre ela foram lançados, várias interpretações e inferências sobre a sua existência e significados foram discutidos entre o público em volta dela. Uma observação muito interessante durante esse evento foi justamente da arqueóloga Denise Schaan, sinalizando o seu incômodo em ver a urna "separada de todos os objetos que

estavam dentro e fora dela no momento em que ela foi encontrada"[1]. Para a arqueóloga, a urna perde um pouco do significado que ela teve para o povo que a produziu e a utilizou. A ida da urna para essa conferência curiosamente alterou o valor do seguro da peça – que anteriormente estava avaliado em US$ 25.000,00 e para esse evento passou a US$ 150.000,00 –, pois, segundo a curadora da época, Maura Imazio da Silveira, ela era considerada uma das peças mais importantes e famosas da reserva, e o seguro deveria cobrir o valor de uma pesquisa arqueológica no Marajó.

Figura 5 – Exposições e eventos nos quais a urna participou.
Mapa e tabela elaborados pelas autoras (2020).



EXPOSIÇÃO/EVENTO	ANO	LOCAL
Mostra do Redescobrimento	2000	São Paulo São Luís Lisboa
Unknown Amazon - Culture in nature in ancient Brazil	2001 2002	Londres
Antes - Histórias da Pré-História	2004 2005	Rio de Janeiro
Brésil Indien - les arts amérindiens du Brésil	2005	Paris
A Urna e o Cesto - tecnologias e artes indígenas	2005	Belém
Patrimônio Arqueológico na Amazônia	2008	Belém
SALSA - Society for the Anthropology of Lowland South América	2011	Belém
Amazônidas - 145 Anos de Pesquisas sobre as Sociedades Amazônicas	2011	Belém
Conversas com Objetos: História da Arte e Cultura Material - Instituto Goethe	2016	Belém

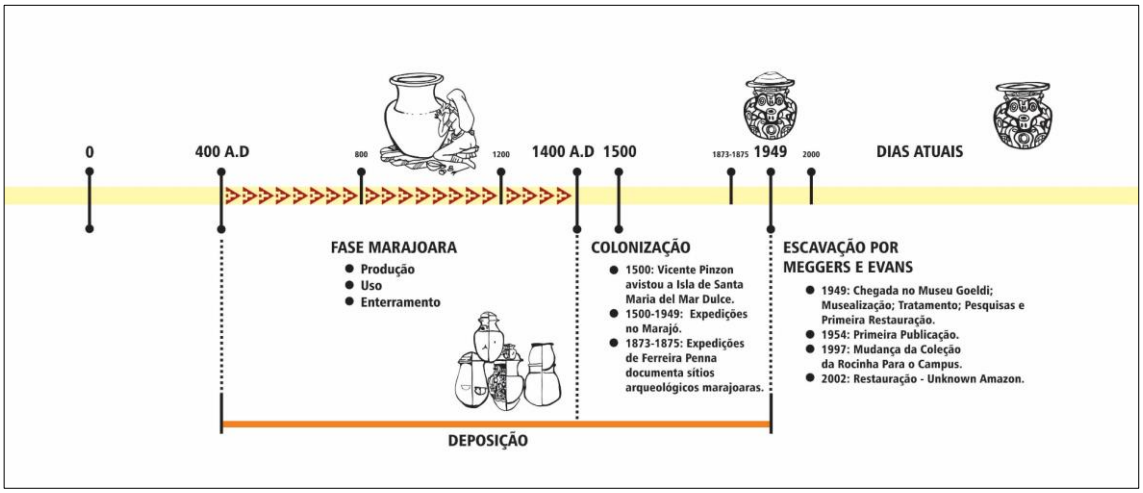
[1] Fala da arqueóloga Denise Schaan extraída do vídeo "Conversas com Objetos", 2016, trecho: 2min31s a 2min56s.

A partir desses eventos, a imagem da urna passou a ter uma enorme circulação em diferentes mídias, quer em materiais educativos, quer em outros, de divulgação da arqueologia, tendo se tornado também um modelo e inspiração para o artesanato cerâmico tradicional de Belém. Hoje sua imagem foi incorporada em vários itens da cultura popular paraense (como cerâmicas, bordados e camisetas) de modo mais ou menos estilizado e serviu também de modelo para itens do mobiliário urbano de Belém, como os tradicionais telefones públicos (ou orelhões), que emulam sua forma e decoração (Figura 4b) (SCHAAN, 2006, 2008; BARRETO, 2013).

Atualmente a urna se encontra na reserva técnica de arqueologia do Museu Goeldi, em uma área visitável da reserva, sobre plataformas deslizantes em que se encontram outras cerâmicas volumosas, a maior parte também urnas marajoaras. Mesmo estando entre outros artefatos semelhantes, ela ainda se destaca pelo impacto visual causado pela iconografia presente na pintura bem preservada. A urna é também um dos objetos preferidos para figurar em peças jornalísticas e nas filmagens de documentários.

Parte de um intenso processo de colecionismo, essas coleções marajoaras, muitas vezes vistas como "arte primitiva", evocam o que Troufflard (2011) chamou de "emoção estética", e que retroalimenta o interesse por objetos específicos; e refletem na individualização de algumas peças.

Figura 6 – A longa história de vida da urna marajoara.
Infográfico elaborado por Lídia Abrahim (2020).



Como pudemos observar na figura 6, a trajetória de vida da urna é um período longo, que vai desde a sua produção por artesãos indígenas, uso ritual e enterramento, (um longo período de deposição), passando por vários momentos históricos, até sua descoberta em 1949. Daí em diante, testemunhamos um novo despertar de sua existência, impactando as pessoas que cruzam seu caminho, agindo de forma efetiva e muito significativa em diversos tempos, espaços e pessoas. Todo o processo de movimentação e mudanças que a urna sofreu depois de sua escavação (limpeza, restauração, estudos, musealização, e extroversão) somam a sua biografia uma longa história que segue em constante transformação.

Todos os eventos do qual participou e suas inserções em esferas públicas, dentro e fora dos muros da reserva, presencialmente ou virtualmente, foram agregando diferentes camadas de significado a esse objeto, que se transforma de objeto ritual funerário indígena a objeto de fruição estética para um público ocidental, fazendo-se às vezes também de objeto testemunho de um passado amazônico e de símbolo de uma identidade regional. Essas camadas se entrecruzam e se retroalimentam, no sentido de quanto mais

exposta é a urna, mais ela é selecionada para figurar em novas eventos e publicações. Contudo, essa transformação é acompanhada de um processo de individualização crescente, em que o contexto original e os outros objetos aos quais estava originalmente associada vão sendo preteridos, silenciados e esquecidos.

UMA "ESCAVAÇÃO" DENTRO DA RESERVA TÉCNICA: A RECONTEXTUALIZAÇÃO DA URNA

Com o intuito de recompor os objetos que compunham o contexto original da urna, iniciamos nossa pesquisa identificando os objetos a ela associados, mencionados nos relatos da escavação, e verificando sua presença nas coleções do Museu Goeldi.

A busca por esses objetos foi um processo minucioso de investigação, tanto nos bancos de dados da RT, no arquivo de imagens Guilherme de la Penha do Museu Goeldi, nas descrições feitas por Betty Meggers e Clifford Evans (1957) na publicação intitulada *Archeological Investigations at the Mouth of the Amazon,* quanto nas coleções relacionadas ao Marajó/Pa. Nesse processo de busca da história e trajetória da urna e seus objetos associados, percebemos que, para a além do processo de individualização da urna em relação aos demais objetos que compunham o contexto funerário escavado e pesquisados por Betty Meggers e Clifford Evans (1949), dentro da reserva do Museu Goeldi, verificamos também que essas peças foram separadas e enviadas a diferentes instituições. Provavelmente ainda na época da pesquisa, muitos objetos foram levados para o Smithsonian Institution nos Estados Unidos, e outros, para o Museu Nacional no Rio de Janeiro, além dos que estudamos no Museu Goeldi em Belém (SOMBRIO, 2014).

A primeira peça, que instintivamente tentamos identificar, foi a vasilha que servia de tampa para a urna, pois ela aparece recorrentemente nas imagens mais antigas, ou seja, ainda no contexto da escavação e, no Museu Goeldi, antes de sua restauração e após a restauração em exposição na antiga reserva que ficava localizada na Rocinha (Parque Zoobotânico do MPEG). Entretanto, essa peça não foi encontrada nas coleções da reserva, o que nos leva a pensar que a descontextualização dela pode ter ocorrido não por opção de colecionamento e organização dentro da reserva, e sim por outros fatores, que podem estar relacionados ao extravio (talvez na mudança das coleções da Rocinha para a atual reserva no campus de pesquisa ocorrida no ano de 1997) ou à má conservação.

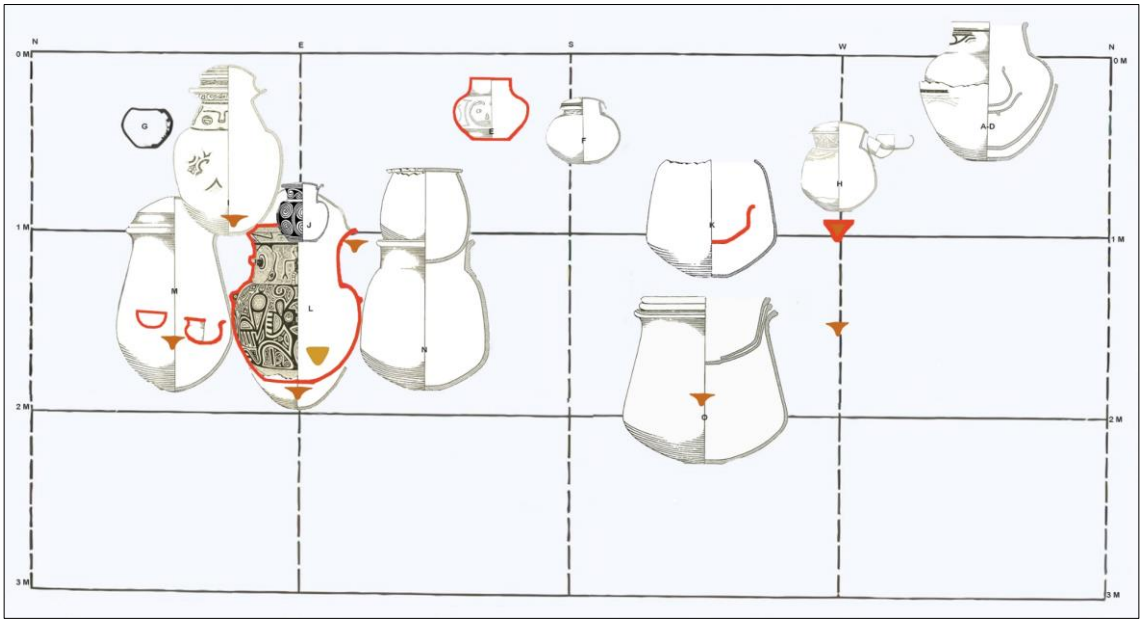
Com o apoio da imagem do perfil estratigráfico da estrutura funerária escavada publicada por Meggers e Evans (1957), foi possível identificar a localização exata de cada peça encontrada na reserva do contexto da urna marajoara. Na Figura 7, destacamos as peças encontradas na reserva técnica.

Ao todo, foram encontradas 5 peças do conjunto mostrado na Figura 7: duas pequenas vasilhas que estavam no interior da urna ao lado, um vaso que estava em nível superior ao da urna, um alguidar que estava no interior de outra urna mais afastada, e uma tanga que estava abaixo de um vaso ou urna pequena. Todas essas peças encontram-se registradas na Coleção Meggers e Evans da RTMFS (Figura 8).

A primeira peça que descrevemos aqui é uma tigela (T-977), a menor cerâmica inteira encontrada no contexto da urna marajoara, identificada na publicação de Meggers e Evans (1957) como uma vasilha de oferenda (*ofertory bowl*), ela possui uma perda de massa na borda, mas encontra-se em bom estado de conservação.

O vaso (T-1068) encontrava-se ao lado da tigela pequena descrita acima, ambos estavam dentro de uma urna grande e identificados como vasilhas de oferenda. O vaso possui manchas de queima lateral e fundo, alguns arranhões profundos no pescoço com desprendimentos de parte dos temperos da pasta e parece ter passado por um restauro (borda colada).

Figura 7 – Perfil do contexto funerário no Teso Guajará, Monte Carmelo (J-14), destacando os objetos que foram identificados na Reserva Técnica Mário Ferreira Simões. Adaptado de Nobre (2017, p. 73).



Outra peça identificada como sendo do mesmo contexto da urna é o vaso antropomorfo (T-857), que é uma peça que tem um certo destaque na reserva técnica, pois se encontra exposto na área visitável como parte integrante das peças da coleção marajoara, mesmo desmembrado espacialmente das peças do mesmo contexto. É uma peça inteira com engobo branco e detalhes bastante expressivos, caracterizando feições antropomorfas, com sobrancelhas arqueadas e rostos pequenos em faces opostas da peça.

Também identificamos um alguidar (T-979), peça grande e pesada com algumas manchas de queima no fundo e na lateral. Essa peça passou por um restauro e possui preenchimentos de rachaduras e perdas (gesso com pigmentação), e sua borda destaca-se pela presença de quatro protuberâncias suaves na parte inferior.

E por fim, a tanga marajoara (T-1508), que é um objeto bastante comum em contextos funerários marajoaras. Nesse conjunto de enterramentos, identificamos oito tangas inteiras e vários fragmentos, entretanto só conseguimos encontrar na reserva uma tanga vermelha lisa, bastante polida; e só foi possível encontrar a posição exata porque a peça possui uma escritura à nanquim com a localização do sítio, que reconhecemos como tendo sido feita pela própria Betty Meggers.

Vale notar que esse registro direto nas peças, com a numeração utilizada na publicação (Jar L, etc.), foi essencial para que pudéssemos confirmar a identificação da peça, pois na catalogação do Museu não constavam informações sobre o contexto, ou pertencimento a conjuntos maiores.

Como se vê, nem todos os objetos que pertenciam ao seu contexto original puderam ser localizados na reserva técnica do MPEG, o que nos leva a indagar sobre o destino das demais peças. É possível que ainda sejam encontrados em outros museus, ou até mesmo que estejam entre as trágicas perdas com o incêndio do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2018. Pois, como visto, a divisão de "espólios arqueológicos" entre diferentes instituições era uma prática comum. Um exemplo dramático disso, o da coleção "Dita Acatauassú", apresenta fragmentos de uma mesma peça, um prato marajoara, distribuídos em três instituições diferentes: no MPEG, no Museu do Forte (ligado ao Governo do Estado do Pará), e no Museu de Arqueologia e Etnologia da

Universidade de São Paulo, "tendo cada uma à sua guarda dois dos fragmentos, completando o objeto em cerca de 80 % relativamente ao original" (SIMAS *et al.*, 2019, p. 4-5).

Figura 8 – Quadro de objetos associados à urna marajoara, identificados na RTMFS/MPEG. Quadro elaborado pelas autoras (2020).

Especulamos que a melhor preservação dessa urna específica, que a aproxima do seu projeto original de confecção, tenha sido um fator que influenciou na sua maior circulação, dando a ela esse *status* de semióforo, representando outras tantas peças com contextos e função semelhantes e a própria cultura marajoara. Contudo, salienta-se que foram as práticas museais que a destacaram como "um objeto de personalidade" e que elas foram, aos poucos, silenciando tanto os demais objetos como também aspectos

importantes de sua existência. Ao dissociá-la de outras materialidades que compunham o seu contexto, inclusive dos ossos de seu interior, a urna foi se destacando de sua função primordial (urna funerária) para se tornar apenas uma bela cerâmica marajoara. Isso é evidenciado no uso dessa peça em exposições e publicações sem as informações de contexto que ajudaram a individualizar ainda mais o objeto, o que, em certa medida, leva ao apagamento da autoria indígena e a descaracterização dessa função. Esse cenário implica em questões éticas e sensíveis que precisam ser melhor debatidas junto aos museus. Afinal, como lidar com as ressignificações na musealização de objetos como esse? Quais as implicações para a sua salvaguarda no museu? É possível não privilegiar alguns aspectos em detrimento de outros?

Nossa experiência com a urna marajoara nos leva a propor uma forma diferente de alocação da peça na reserva técnica; não só mais perto de seu conjunto original, talvez indicando a intenção primeira de sua produção indígena, mas também de forma que a visita possa proporcionar uma visão mais integral da cultura material e estética marajoara, dando acesso a outros objetos das coleções marajoaras.

DISCUSSÃO: RECONTEXTUALIZAR PARA RESSIGNIFICAR

Pensar na recontextualização da urna marajoara é um exercício de entender que ela, enquanto um objeto que possui uma longa trajetória de vida, também é passível de mudanças e transformações (que ela causa e sofre), não somente na sua materialidade, mas principalmente quando se trata de interpretações diversas que ela sofreu no decorrer do tempo, em particular, no Museu Goeldi.

O próprio processo de recontextualizar a urna altera sua condição de objeto ou artefato, pois acrescenta movimento e mudanças na sua trajetória. Entretanto, estamos falando de uma peça que tem uma representatividade cultural, uma visibilidade absolutamente diferenciada de outros objetos que ora se encontram no mesmo espaço físico que ela. E o que isso nos diz?

De início, isso nos revela que os objetos estão associados às suas histórias, mas estas precisam ser contadas e interpretadas e em alguns casos associadas a outros objetos que partilharam do mesmo contexto, como uma maneira de (des)silenciar ou ouvir outros personagens da sua própria história, que, se tratando de objetos musealizados, podem ter sido esquecidos ou deixados em segundo plano. Embora o acondicionamento dos objetos nos pareça estático, os mesmos são dotados de história e relações com as pessoas, seus contextos de origem, seus lugares e desgastes temporais.

Portanto, os objetos devem ser interpretados nos diversos contextos que eles já percorreram, que abrange desde as culturas originárias que os produziram, a longa duração destes no tempo e no espaço, as etapas da cadeia operatória museal até a etapa de movimentação e comunicação/socialização destes bens culturais para o público em geral, aqui entendido como extroversão das informações e dos bens arqueológicos. E nesse sentido, seguimos a sugestão de Appadurai (2008, p. 17):

> (...) temos de seguir as coisas em si mesmas, pois seus significados estão inscritos em suas formas, seus usos, suas trajetórias. Somente pela análise destas trajetórias podemos interpretar as transações e os cálculos humanos que dão vida às coisas. Assim, embora de um ponto de vista teórico atores humanos codifiquem as coisas por meio de significações, de um ponto de vista metodológico são as coisas em movimento que elucidam seu contexto humano e social...

Nessa perspectiva, se faz necessário repensar a maneira como as coleções arqueológicas estão dispostas nos museus, como esses acervos podem ser melhor organizados e pensados com vistas a garantir que esse conhecimento não fique

salvaguardado e/ou silenciado junto com as peças musealizadas. E a importância de recontextualizar a urna ao conjunto de objetos associados e às documentações está intrinsecamente ligada ao não esvaziamento do seu significado, mesmo que hoje ela não tenha o mesmo significado que teve para os povos que a produziram e utilizaram no passado.

Hoje, a urna com suas novas camadas de significados e interpretações continua se sobressaindo entre os outros objetos do mesmo contexto, agindo sobre as pessoas, conforme indica Hoskins (2006, p. 76):

> A equivalência sugerida entre a agência de pessoas e de coisas questiona as fronteiras das pessoas individuais e das representações coletivas de várias maneiras. Isso implica que precisamos prestar mais atenção à dimensão fenomenológica de nossas interações com o mundo material e interrogar os objetos que nos fascinam, bem como nossas razões para sentir esse fascínio.

As coisas nos tocam ao mesmo tempo que tocamos as coisas. Essa perspectiva do sensível e das relações sensoriais que também são afetivas nos levam a refletir sobre a experiência das pessoas que manipulam as peças arqueológicas na reserva técnica e também fora dela em busca de desvendá-las, de aprender com elas, de senti-las em todas as suas dimensões (LIMA, 2019, p. 25-38).

Para Holtorf (2002), os objetos possuem materialidades múltiplas, e as identidades e significados atribuídos a eles são resultantes das relações entre as pessoas e as coisas, independentemente do tempo em que se encontra. Nessa perspectiva, entendemos que a urna marajoara, embora tenha sido descontextualizada e separada do conjunto de outros objetos do mesmo enterramento, possui uma história social, construída no tempo e nas relações com as pessoas que a produziram, utilizaram e descartaram no passado e também com as pessoas que a trouxeram para o presente, através de análises, interpretações e musealização, o que, a partir de então, proporcionou a interação dela com o público dos dias atuais.

Portanto, o trabalho de resgatar a história de vida da urna, elaborar uma linha do tempo e tentar associá-la aos outros objetos do mesmo contexto é uma forma de mostrar a continuidade dessa longa história de vida. Inclusive, para algumas abordagens, essa história de vida terminava com sua deposição (enterramento) e, em outras, essa história começou com a sua descoberta em 1949. Aqui conectamos sua história pré-enterramento (o que se pode aferir da mesma), em sua relação com os povos que a produziram, utilizaram e a enterraram, com sua história pós-1949 até os dias atuais, em que ela continua se relacionando com as pessoas que a conhecem, que se inspiram nela e que a veem como uma referência da cultura marajoara.

Vale a pena também fazermos uma reflexão sobre a resistência de intenções embutidas nesse objeto ritual em seu contexto original enquanto um objeto que causa grande impacto visual, intenções que talvez tenham atravessado o tempo transculturalmente e continuam operando em contextos diversos. Sob uma perspectiva da agência dos objetos (GELL, 1998), Barreto (2009) elencou uma série de recursos tecnológicos e semióticos na composição original desse tipo de urna funerária de modo a potencializar sua capacidade agentiva, levando o observador a um engajamento intenso em uma relação de olhar e ser olhado, de ilusão de movimento de certos elementos e de abdução do olhar pelos desenhos labirínticos do bojo da urna que aos poucos revelam diferentes figuras e seres. Mas até que ponto isso influiu na movimentada história de vida posterior desse objeto?

Os estudos sobre a urna marajoara apontam também para uma identidade material que sofre mudanças com o tempo e nos faz refletir sobre que esse objeto é nos dias de hoje é diferente do que ele já foi no passado, ou seja, nos faz pensar na mudança de

significados a partir dos vários contextos em que ela já atuou. Pois, objetos não só expressam ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, eles nos ajudam a compreender os contextos passados em que estavam inseridos, mas também agem no presente, como vetores de mudança na relação entre pessoas e objetos (VAN VELTHEM *et al*., 2019).

Na musealização desses artefatos, é preciso considerar que eles possuem significados que se conectam com memórias, portanto quanto maior o número de evidências materiais coletadas e documentadas, melhores as possibilidades de interpretar relações, no passado e no presente. Igualmente, se expandem as chances de potencializar as coleções arqueológicas salvaguardadas e o processo de extroversão destas, dentro e fora das reservas técnicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final, com o projeto de replicação artesanal da urna, juntamente com a proposta de sua recontextualização, sabemos que teremos um importante impacto na história de vida dessa urna. Seja na produção de uma peça-irmã, sua réplica, e na sua circulação a partir disso; seja também na sua presença dentro da RT em um contexto mais próximo da intenção de quando foi produzida ou enterrada. Por fim, influências nas narrativas sobre ela certamente irão decorrer de ambos os processos.

O processo de reaproximação do conjunto de objetos do mesmo contexto da urna é uma forma de trazer à tona objetos ora esquecidos dentro da reserva técnica, "dessilenciá-los" através da reconexão com um objeto maior e mais visível, tornando-os também importantes personagens dessa história.

Essa pesquisa visou contribuir para a curadoria do acervo arqueológico do Museu Goeldi na medida em que levou a uma nova proposta de alocação, acondicionamento e musealização da urna e de todo o conjunto de objetos funerários dentro da reserva técnica, em consonância com o processo ora em andamento, de reorganização física das coleções, dentro da nova política curatorial para a coleção (LIMA; BARRETO, 2020). Essa nova organização espacial evidencia a importância das ressignificações e das conexões dessa peça icônica (mas não somente dela) com o público local e sobretudo com os coletivos do Marajó. Pois, na medida em que essa nova alocação privilegia mais outras informações agregadas à peça, ampliam-se as possibilidades de conexões entre esses públicos e as demais peças dessa extensa coleção.

AGRADECIMENTOS

Este artigo é parte integrante do projeto de mestrado de Marcelle Rolim de Souza Lima intitulado "A urna marajoara: história de vida, temporalidades e reconexões", sob a orientação de Helena Pinto Lima e coorientação de Cristiana Barreto, vinculado ao Programa de Pós Graduação em Diversidade Sociocultural do Museu Paraense Emílio Goeldi (PPGDS/MPEG). Somos especialmente gratas à Lídia Abrahim, designer integrante do projeto Replicando o Passado e grande amiga, pela participação e apoio no processo da pesquisa e ajuda com as ilustrações presentes neste artigo; e também a Camila Fernandes e Leonardo Lopes, técnicos da curadoria da Reserva Técnica Mário Ferreira Simões do MPEG, pelo sempre prestativo apoio à pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Samuel J. Objects And The Museum. *Isis*, v. 96, P. 559-571, 2005.

ALMEIDA, José Echeverría. *Betty J. Meggers: personalidades y dilemas en la Arqueología ecuatoriana.* Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 1996.

AMORIM, Lilian Bayma de. *Cerâmica Marajoara: a comunicação do silêncio*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010.

APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas*: As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF. 2008.

ARAÚJO, Lucas Monteiro. Listagem final de exposições levantadas nos arquivos da Reserva Técnica de Arqueologia Mário Ferreira Simões, no Arquivo Guilherme De La Penha e na Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna. *Documento* não publicado cedido pelo autor. Curadoria da Reserva Técnica Mário Ferreira Simões/Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, 2019.

ARAÚJO, Lucas Monteiro. Lista de Exposições com Artefatos Marajoaras – Arqueologia e Arquivo MPEG. *Documento* não publicado cedido pelo autor. Curadoria da Reserva Técnica Mário Ferreira Simões/Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, 2019.

BARRETO, Cristiana. *Meios místicos de reprodução social*. Arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga. 2009.Tese de doutorado, MAE-USP, São Paulo.

BARRETO, Cristiana. Cerâmica e complexidade social na Amazônia antiga: uma perspectiva a partir de Marajó. *In*.: PEREIRA, E., GUAPINDAIA, V. (orgs.). *Arqueologia Amazônica.* Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 2010. p.193-212.

BARRETO, Cristiana. Corpo, comunicação e conhecimento: reflexões para a socialização da herança arqueológica na Amazônia. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n.1, 112-128. 2013.

BARRETO, Cristiana. O que a cerâmica marajoara nos ensina sobre fluxo estilístico na Amazônia? *In*: BARRETO, Cristiana, LIMA, Helena P., BETANCOURT, Carla Jaimes (org.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese.* Belém: IPHAN / Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016, p. 115-124.

BARRETO, Cristiana. Do teso marajoara ao sambódromo: agência e resistência de objetos arqueológicos da Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.* Ciências Humanas, vol. 15, n. 3, 2020. e20190106. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0106.

BARRETO, Cristiana; OLIVEIRA, Erêndira. Para além de potes e panelas; Cerâmica e ritual na Amzônia antiga. *Habitus,* v. 14, n.1, p. 51-72

BARROS, Líliam; SEVERIANO, Rafael (org.). *Arqueologia Musical Amazônica*. Belém: Paka-tatu, 2018.

BEZERRA DE ALMEIDA, Marcia. O Público e o Patrimônio Arqueológico: Reflexões Para a Arqueologia Pública No Brasil. *Habitus,* Goiânia, v.1, nº 2, jul-dez. pp. 275-295. 2003.

BEZERRA DE ALMEIDA, Marcia. Signifying Heritage In Amazon: A Public Archaeology Project at Vila de Joanes, Marajó Island, Brazil. *Chungara* (Arica, Impresa), v. 44, pp. 533-542. 2012.

BEZERRA DE ALMEIDA, Marcia. A urna bordada: artesanato e arqueologia na Amazônia contemporânea. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.* Ciências Humanas, vol. 15, n. 3, 2020. e20190124. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0124

BEZERRA, Marcia; NAJJAR, Rosana P. M. Semióforos da Riqueza: Um Ensaio Sobre o Tráfico de Objetos Arqueológicos. *Habitus* (UCG. Impresso), v. 7, p. 289-307. 2009.

BRAGA, Gedley. Conservação e restauro de cerâmicas arqueológicas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia,* São Paulo, v.10, p. 323-327. 2000.

CONVERSAS COM OBJETOS: "História da Arte e Cultura Material", Conferência/vídeo organizado pelo Instituto Goethe. Belém/PA. 2016. (6 min e 36s). Disponível em: https://youtu.be/9HKH-ZXLrvQ

GELL, Alfred. The technology of enchantment and the enchantment of technology. In: COOTE, Jeremy e SHELTON, Anthony (eds.). *Anthropology, Art and Aesthetics.* Oxford: Oxford University Press, p. 40-63, 1992.

GELL, Alfred. *Art and Agency, an Anthropological Theory*. Oxford: Oxford University Press. 1998.

HENRIQUE, Marcio C.; LINHARES, Anna M. Cerâmica marajoara e Círio de Nazaré: significação e sacralização do patrimônio cultural brasileiro. *Topoi* (Rio de Janeiro), v.20, n.41, 394-420. Epub August 15, 2019. https://dx.doi.org/10.1590/2237-101x02004106.

HOLTORF, Cornelius. Notes on the life history of a pot sherd. *Journal of Material Culture*, v.7, n.1, p. 49-71, 2002.

HOSKINS, Janet. Agency, Biography and Objects. *In*: TILLEY, C., KEANE, W., KÜCHLER, S., ROWLANDS, M. (Eds.) *Handbook of Material Culture* (pp. 74-84). London: Sage Publications Ltd. 2006.

KOPYTOFF, Igor. A Biografia Cultural Das Coisas: A Mercantilização Como Processo. In: Appadurai, Arjun. A Vida Social Das Coisas. Niterói: EdUFF. 2008.

LAMBRECHT, Helen Kaufmann; SOUZA, Daniel Maurício Viana de; RIBEIRO, Diego Lemos. Alma e biografia dos objetos como formas de avivamento de coleções em museus. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*. Septiembre, 2018.

LIMA, Helena Pinto. Patrimônio para quem? Por uma arqueologia sensível. *Revista Habitus* (UCG.Impresso), v. 17, n. 1, p. 25-38, 2019.

LIMA, Helena Pinto; BARRETO, Cristiana. Uma nova política para um antigo acervo: a redescoberta das coleções arqueológicas do Museu Goeldi. *Revista de Arqueologia*, n. 33 (3), 2020 (no prelo).

LIMA, Helena Pinto; BARRETO, Cristiana; FERNANDES, Camila. Museus no século 21: Ações pela salvaguarda e socialização do acervo arqueológico do Museu Goeldi. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 38, p. 145-161, 2018.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v.6, n.1. p. 11-23, jan.-abr. 2011.

LINHARES, Anna M. *Um grego agora nu: índios marajoara e identidade nacional brasileira.* Curitiba: Ed. CRV. 2017.

MAIA, Lorena Porto; SANJAD, Thaís; LIMA, Helena Pinto. A teoria contemporânea do restauro e as cerâmicas arqueológicas da Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas.* (no prelo).

MEGGERS, Betty J., EVANS, Clifford. *Uma interpretação das culturas da Ilha de Marajó.* Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. Sede Provisória Museu Goeldi. Belém. Publicação nº7. 1954.

MEGGERS, Betty J., EVANS, Clifford. *Archeological investigations at the mouth of the Amazon.* Bureau of American Ethnology, Bulletin 167. Washington D.C., Smithsonian Institutions Press, 1957.

NOBRE, Emerson. *Objetos e imagens no Marajó antigo*: agência e transformação na iconografia das tangas cerâmicas. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2017.

PEREIRA, Edithe. O Museu Goeldi e a pesquisa Arqueológica: Panorama dos últimos dezessete anos. *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v.4, n.1, p. 171-190, Jan-Abr 2009.

PROUS, André. *O Brasil antes dos brasileiros*. A pré-história de nosso país. Rio de Janeiro: 2ª Edição, Jorge Zahar Editor. 2007.

ROOSEVELT, Anna C. *Moundbuilders of the Amazon: geophysical archaeology on Marajo island, Brazil.* San Diego: Academic Press. 1991.

SANJAD, Nelson. Ciência dos potes quebrados: nação e região na arqueologia brasileira do século XIX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 19 (1): 134-164. 2011.

SANJAD, Nelson. *A Coruja de Minerva: O Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907).* Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. 2010.

SCHAAN, Denise. Into the labyrinths of Marajoara pottery: status and cultural identity in prehistoric Amazonia. *In*. MCEWAN, C., BARRETO, C., NEVES, E. (eds), *Unknown Amazon,Culture and Nature in Ancient Brazil.* Londres: The British Museum Press, pp. 108–33, 2001.

SCHAAN, Denise P. *The Camutins Chiefdom*. Rise and development of complex societies on Marajó Island, Brazilian Amazon. (Tese de Ph.D.), Universidade de Pittsburgh, Pittsburgh, PA, EUA. 2004.

SCHAAN, Denise P. Arqueologia, público e comodificação da herança cultural: o caso da cultura Marajoara. *Revista Arqueologia Pública*, São Paulo, nº 1, p. 19-30. 2006.

SCHAAN, Denise P. A Arte da Cerâmica Marajoara: encontros entre o passado e o presente. *Revista Habitus* (UCG, Impresso), v. 5, n.1, p. 99-117, 2008.

SCHIFFER, Michael. Archaeological Context and Systemic Context. *American Antiquity*, vol. 37, p.156–65, 1972.

SILVEIRA, Maura Imázio; DUTRA,Vanessa de Castro; SILVA, Camila Fernandes Alencar; FERREIRA, Regina Maria de Farias; JALLES, Cíntia. Coleções arqueológicas do Museu Paraense Emílio Goeldi. Panorama da reserva técnica e os desafios da conservação. In: CAMPOS, G.N. e GRANATO, M.(eds.). *Preservação do patrimônio arqueológico: desafios e estudos de caso.* Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2017, p. 169-191.

SIMAS, Maria S. et al. Cada instituição, um fragmento: problemática da dispersão da coleção arqueológica marajoara Dita Acatauassu (Amazónia, Brasil). *Conservar Patrimônio*, v. 32, 2019.

SIMÕES, Mário F. As pesquisas arqueológicas no Museu Paraense Emílio Goeldi (1870-1981). *Acta Amazônica*, v. 11, n. 1, p. 149-165, 1981.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. *Em busca pelo campo*: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX. 2014. Tese de Doutorado, Unicamp, Campinas.

TROUFFLARD, Joanna. Abordagem da prática colecionista através de um conjunto de peças Marajoara do Museu Nacional de Etnologia em Lisboa (Portugal). *Amazônica-Revista de Antropologia,* v. 3, n. 1, 2011.

VAN VELTHEM, Lúcia H.; PEREIRA, Edithe; GALÚCIO, Ana Vilacy. *Acervos Culturais do Museu Paraense Emílio Goeldi: 150 Anos de História e Perspectivas Futuras*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2019.